

Conhecimento de mundo: um elemento fundamental na formação de professores no curso de pedagogia

World knowledge:
an essential factor in the formation of teachers in the pedagogy degree course

Por Daniel Luciano Gevehr

Doutor em História (UNISINOS)

Professor do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI)

Professor da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (IENH)

Professor da Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

Resumo:

O artigo analisa a importância da leitura e do conhecimento de mundo como fator indispensável na formação de professores no curso de licenciatura em pedagogia. Destaca-se, nesse contexto, o fato desses discentes se tornarem agentes transformadores da realidade e promotores da investigação no espaço escolar, transformando a sala de aula, quando professores, num espaço de descoberta do mundo contemporâneo. Discute-se ainda a importância do conhecimento de mundo para a construção da sociedade humanizada e conhecedora de seus direitos e deveres, não perdendo de vista as questões que transformam o mundo contemporâneo.

Palavras-chave:

Conhecimento de mundo. Formação de professores. Pedagogia. Ciências Sociais.

Abstract:

This paper analyses the importance of the world's reading and knowledge as an essential factor in the formation of teachers in the pedagogy degree course. In this context, we highlight the fact that these students became transformer agents of reality and promoters of investigation in the school space, transforming the classroom, when teachers, into a discovery space of the contemporary world. Moreover, we discuss the importance of the world's knowledge to the construction of a humanized society aware of its rights and duties without losing track of the issues which transform the contemporary world.

Keywords:

World's knowledge. Formation of the teachers. Social Sciences.

Meus conhecimentos científicos e tecnológicos são insuficientes para que eu possa responder. Minha impressão é que ainda há espaço para muitos avanços. Não vejo nenhum motivo para achar que o progresso tecnológico irá se interromper. Na verdade, creio que irá acelerar ainda mais. Deus sabe em que direção. Seja como for, as previsões de desenvolvimentos tecnológicos foram, historicamente, as menos bem-sucedidas. No final do século XIX, muita gente dedicou-se à arte de imaginar o que seria o mundo dali a

cinquenta anos, e todas as suas previsões revelaram-se incorretas.¹

Iniciamos nossa exposição com o pensamento de um dos mais importantes historiadores e especialistas do mundo contemporâneo, Eric Hobsbawm. Questionado sobre os avanços do campo das ciências e do pensamento no mundo contemporâneo, o autor responde afirmando que mais importante do que realizar especulações sobre o futuro é saber interpretar, criticamente, as condições de caráter político, econômico, social e também cultural que se apresentam na sociedade

¹ HOBBSAWM, Eric. *O novo século*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 51.

do tempo presente, tendo como referências o passado já vivido.

Valendo-nos dessa ideia de fundamental importância para a compreensão da sociedade contemporânea, buscamos realizar algumas considerações sobre o papel da educação nesse contexto e, mais especificamente, sobre a importância da formação crítica e atualizada de professores da Educação Infantil e das Séries Iniciais no Curso de Pedagogia.

Nessa perspectiva, é acertado dizer que os sujeitos que não conhecem o espaço onde vivem não possuem uma ideia clara e concreta de sua própria identidade. Da mesma forma, podemos considerar que os sujeitos que não conhecem a dimensão que ultrapassa os limites do local e do regional também não conseguem distinguir a diferença entre o micro e o macro espaço.

O objetivo dessa análise se concentra na discussão da importante questão que envolve a capacidade objetiva dos sujeitos de ler e interpretar o mundo. Ainda que de maneira pouco aprofundada, dada a brevidade de nosso texto, pretendemos levantar algumas interrogações que envolvem de forma direta a importância da leitura crítica dos acontecimentos que marcam a atualidade – em âmbito mundial e nacional – e as formas de apropriação desses saberes produzidos pela mídia e pela literatura existente por parte dos estudantes do Curso de Pedagogia, Educação Infantil e Séries Iniciais.

Grande parte das indagações apresentadas nesse artigo resulta das experiências construídas ao longo da prática docente com os alunos do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI, e de forma mais especial, ao longo das aulas de metodologia de ensino de Geografia e História, como também nos seminários de aprofundamento, nos quais desenvolvemos estudos que privilegiaram a análise do mundo contemporâneo e suas relações entre os micro e os macro espaços contemporâneos.

Nessa trajetória, surgiram muitas questões que nos levaram a refletir, de forma séria e comprometida, sobre a importância de provocar nesses estudantes a necessidade de melhor

conhecer o espaço em que vivem e as relações que se estabelecem entre o local – espaço vivido pelo sujeito – e o global – espaço mundial e de transformações. Nessa concepção de ensino e aprendizagem, entendemos que a “leitura” dessa teia de relações que se estabelecem em diferentes âmbitos (local, regional, estadual, nacional e internacional e também por que não mencionar atualmente o aspecto interplanetário) é uma das ferramentas fundamentais no processo pedagógico de formação de professores que atuarão tanto na Educação Infantil quanto nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Tomando essa ideia como ponto de partida, acreditamos que o professor que não possui condições de buscar e interpretar as transformações que a contemporaneidade nos impõe é, sem dúvida, um profissional fadado ao fracasso e, por conseguinte, seus alunos também. Essa afirmação se fundamenta da ideia de que a sala de aula, no mundo contemporâneo, impregnado de mudanças em diferentes instâncias, deve ser tratado como um dos elementos dinamizadores dos conteúdos previamente eleitos como fundamentais para serem desenvolvidos nas diferentes séries dessa fase de descobrimento da criança.

Assim, defendemos, acima de tudo, a concepção, há muito tempo apresentada pela Pedagogia, do professor pesquisador. Na medida em que o professor se percebe como sujeito do próprio processo, “peça-chave” da construção do conhecimento de mundo, ele se perceberá também como sujeito que necessita de constante renovação e atualização. Num mundo de mudanças cada vez mais rápidas e aceleradas, o local não pode se transformar no espaço parasitário e imutável, diante dos avanços (e muitas vezes retrocessos) pelos quais a humanidade global está passando.

Na experiência com alunos e alunas do Curso de Pedagogia, especialmente quando tratamos de questões associadas a diferentes realidades regionais, internacionais e até mesmo continentais, percebemos a grande necessidade de fomentar a busca por leituras e referenciais que permitissem a esses pretensos professores ultrapassarem a “barreira” que separa o espaço do vivido (o local) e o mundo desconhecido (o mundo). Ao longo das

aulas, foi se evidenciando a necessidade – urgente – de se criar momentos de reflexão e discussão sobre conceitos e questões das mais diversas que levassem os alunos e alunas a discutirem sobre questões globais que, ainda que, muitas vezes, indiretamente, afetavam seu próprio cotidiano.

Interpretações de caráter econômico e social muitas vezes surgem como perguntas inevitáveis para o aluno – pretensão professor – e o colocam numa situação em que muitas vezes as respostas não são encontradas na literatura, mas carecem de sua própria habilidade e capacidade de estabelecer relações de conclusões, tomando a dimensão local e global como categorias indispensáveis.

Essa afirmação nos leva a crer que, além dos conhecimentos de cunho teórico, como linhas de tempo, cartografia, maquetes ou textos históricos, o estudante necessita ser desafiado a romper com os limites da teoria e observar novos horizontes, além do espaço local. Acreditamos que somente assim, embasado em leituras atualizadas sobre o mundo e tendo como espaço dialógico a sala de aula, poderemos promover a formação de professores comprometidos com a educação reflexiva e crítica, muitas vezes não institucionalizada em nosso país.

As falas dos alunos e alunas nos revelam as lacunas e deficiências trazidas desde sua formação na educação básica. Embora não seja esse nosso objetivo aqui, exemplos não nos faltariam para demonstrar o desconhecimento de muitos conceitos básicos das Ciências Sociais. Conceitos como município, Estado ou país, em alguns momentos, tornam-se desconhecidos ou até causam dúvidas a respeito de como melhor empregá-los. A linha de tempo construída milimetricamente com a régua nos parece ainda uma instituição na sala de aula, quando os alunos deveriam se preocupar não com os milímetros da mesma, mas sim com os acontecimentos que ela está representando. Por último, poderíamos ainda mencionar o desconhecimento de muitos em relação ao mundo atual e quais os grandes momentos que foram responsáveis, no processo

histórico, pela formação do mundo contemporâneo.²

Não queremos com isso acreditar que todos os professores precisam de sólidos e abrangentes conhecimentos de Geografia e de História para atuarem na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. No entanto, entendemos a urgência de se criar uma consciência da “busca pelo conhecimento”. Esse conhecimento não deve ser buscado em livros didáticos ou simplesmente acessando-se *sites* de consulta na Internet. Diferente do senso comum, o professor é aquele que deve privilegiar as fontes de consulta como revistas especializadas, bibliografias (que cada dia se tornam mais amplas e de fácil acesso) e até mesmo documentários produzidos atualmente por emissoras de televisão e empresas especializadas em produção de materiais didáticos.

Com essa visão ampliada, que rompe com os limites do livro didático como fonte exclusiva de conhecimento, o professor terá em suas mãos a possibilidade de também instigar em seus alunos a vontade de aprender, além é claro daquilo que é apresentado nas páginas coloridas dos manuais didáticos.

Essa concepção de ensino e aprendizagem, que leva os alunos a pensarem e não simplesmente a decorarem fatos e lugares, certamente produzirá um novo sujeito, capaz de estabelecer relações entre as duas mais significativas categorias que o professor deve trabalhar em suas aulas: *tempo e espaço*. Contrariando concepções que tomam o tempo e o espaço de forma distinta, as Ciências Humanas atualmente defendem a importância de se compreender o tempo e o espaço como duas categorias indissociáveis.

Afinal, todo o espaço que conhecemos, seja ele local ou global, possui uma historicidade, ou em

² Como exemplo das questões de conhecimento de mundo, que cabem ao professor como sujeito, conhecedor e dinamizador das relações de sala de aula, apontamos a obra de: CARVALHO, Bernardo de Andrade. *A Globalização em xeque*. incertezas para o século XXI. 5. ed. São Paulo: Atual, 2000. Outra referência significativa nesse sentido é a obra, que atualmente tem despertado muitas discussões, e que, em nosso entendimento, apresenta uma leitura coerente da contemporaneidade é: BLAINEY, G. *Uma breve história do século XX*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.

outras palavras, possui um tempo de existência. A dimensão de espaço, a partir de então, toma outra proporção, na medida em que compreendemos que o espaço que nos cerca e do qual o próprio sujeito faz parte tem um tempo. Esse tempo, que nós convençamos chamar de história, faz com que possamos compreender melhor como o espaço físico (mas também humanizado) é resultado de um tempo passado, que se apresenta para nós no presente e que assim terá seu futuro, num tempo mais distante.

Nessa perspectiva de se analisar a Geografia e a História como áreas afins e que necessariamente necessitam de diálogo permanente, as leituras que se fazem do espaço passam necessariamente pela ideia de tempo e espaço. Assim, professores e alunos construíram, juntos, a concepção do espaço geográfico, humanizado e transformado permanentemente pelo homem e pelas ações da natureza.

Essa ligação íntima das duas disciplinas é o que permite ao sujeito compreender melhor sua própria inserção nesse ambiente. Produto do espaço e da história, alunos e professores construíram, através dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, sua “própria leitura espacial e temporal”. Em outras palavras, queremos reafirmar a importância de se desenvolver na sala de aula a concepção não fragmentada, mas simultânea de espaço e tempo como categorias que constituem um só elemento.

Retomando nossa questão inicial, acreditamos que tendo essas questões teórico-conceituais claras, o sujeito – futuro professor – poderá melhor compreender o mundo em que ele próprio vive e faz sua história. A partir do momento em que se estabelece como ponto fundamental a necessidade de se buscar “conhecimento de mundo”, tanto no que se refere a fatos, lugares e personagens, esse sujeito terá condições de avaliar e analisar criticamente a interferência desses elementos na constituição do mundo contemporâneo, do qual ele próprio é parte integrante e transformador.

A capacidade reflexiva do sujeito pode assim ser mensurada por sua “ânsia pelo saber” e por sua vontade de conhecer, descobrir e criar novas ferramentas que lhe permitam melhor desenvolver sua atividade docente em sala de aula. Entretanto,

para isso é necessário que, antes de tudo, se desperte nesse sujeito – futuro docente – a consciência da pesquisa permanente e da necessidade de ultrapassar a ideia de senso comum, tão enraizada em nosso sistema de ensino tradicional brasileiro.

As ideias apresentadas até aqui nos serviram para demonstrar a importância de se desenvolver nos alunos do Curso de Pedagogia essa consciência para o fazer pedagógico, que não se inicia com a prática docente. Ao contrário, a prática docente deve ser precedida da troca de saberes indispensáveis ainda na graduação. As leituras e as discussões em sala de aula se tornam, assim, indispensáveis e necessárias para a construção do profissional devidamente preparado, tanto com conhecimentos teóricos quanto com a habilidade de estabelecer questionamentos e saber buscar as respostas para suas perguntas.

Acreditamos que o professor não é aquele que carrega “o conhecimento enciclopédico”, como muitos ainda acreditam. Para nós, o professor qualificado e apto para ensinar é aquele que tem a capacidade de observar o espaço micro (o lugar onde vive e atua como profissional) e desafia-se a conhecer o mundo global. Como já afirmamos anteriormente, é competência desse sujeito (o professor) saber lidar com diferentes categorias da área de conhecimento com que está habilitado. Mas, mais importante que isso, é sem dúvida, saber “onde” e “como” solucionar as dúvidas que se farão surgir ao longo do processo de ensino-aprendizagem junto com seus alunos.

Disso resulta todo o comprometimento desse sujeito com a pesquisa e a leitura de fontes confiáveis, que irão despertar nele a vontade de aprender e, naturalmente, de ensinar. Assim, aquele que ensina (o professor), antes de mais nada, deve se mostrar como o sujeito mais curioso e interessado em conhecer o mundo que o cerca, para que assim possa romper com os limites impostos por sua própria geografia.³ Aliás, em

³ Sobre as questões que dizem respeito mais especificamente à metodologia de trabalho adotada pelo professor em sala de aula e que devem, acima de tudo, considerar a dinamicidade dos conteúdos apontamos a obra: CASTROGIOVANNI, A. C., CALLAI, H. C., SCHÄFFER, N. O. e KAERCHER, N. A. (Orgs.).

tempos de globalização, a geografia do professor e de sua escola aparece revestida também de uma nova configuração. O mundo está dentro da sala de aula, cabendo ao professor estabelecer a comunicação entre a sala de aula e o mundo lá fora, observando as inúmeras maneiras (criativas diga-se de passagem) de explorar esse imenso espaço geográfico historicizado pelo ser humano ao longo de incontáveis gerações.

Além das letras e dos números e frações, há um mundo de cenários e histórias para ser explorado na escola. Esses cenários e histórias de personagens, que convencionamos estudar através daquilo que chamamos de geografia e de história, podem se tornar numa criativa teia de relações, onde o espaço e o tempo “brincam”, recriando um único elemento, que permite ao aluno compreender seu próprio lugar e seu tempo nesse cenário criativo.

Finalmente, é preciso reafirmar o compromisso com a educação de qualidade em nosso país, na medida em que percebemos a necessidade de institucionalizar uma perspectiva crítica e atualizada na formação dos alunos de graduação em Pedagogia. Esses sujeitos da educação, antes de tudo, necessitam de uma formação ampla, atualizada e comprometida com a “leitura crítica” da atualidade. Somente assim, tornar-se-á possível romper com a cultura da ignorância e do senso comum. A crítica e a discussão devem, assim, ser institucionalizadas e se tornarem uma prática recorrente, desde o processo de formação, em nível de graduação, até sua atividade docente em sua futura escola de atuação profissional.

Sabedores de seu papel e de sua condição, esses sujeitos serão, certamente, responsáveis pela difusão de uma nova cultura, marcada pela clareza das ideias e pela preservação de laços identitários locais, inseridos num mundo globalizado e em constante e acelerada transformação. Somente assim o local e o global podem conviver num mesmo espaço, no qual o local também se torna parte do global e abrangente.

O conhecimento de mundo implica, acima de tudo, constituição de sujeitos docentes aptos a estimularem, no espaço escolar, a leitura e a busca pela descoberta das diferentes questões que caracterizam o sujeito contemporâneo. Através dessa concepção, “quebra-se com a casca do ovo”, e permite-se olhar para os novos horizontes, que naturalmente ultrapassam o nível do local. O local torna-se o espaço da sociabilidade dos sujeitos, porém, em sintonia com as questões de ordem regional, nacional e mundial.

Somente assim, atrelando-se esses diferentes espaços⁴ – do micro ao macro – é que a leitura de mundo torna-se algo significativo e relevante para alunos e professores, que farão de seu espaço escolar o espaço da descoberta, da inovação e da construção – em nível concreto – do conceito de cidadania.

Finalmente, devemos lembrar que somente o sujeito que conhece o mundo que o cerca e também toda a diversidade que isso implica é um sujeito (considerando nesse contexto professores e alunos) que pode exercer, em sua plenitude, sua cidadania. Contribui-se, assim, para a construção de um espaço local mais humanizado, elucidativo que, ao mesmo tempo, jamais perde de vista a evolução e as inovações do (macro) espaço contemporâneo.

[Recebido em: outubro 2009 e
aceito em: novembro 2009]

Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

⁴ Consideramos indispensável a leitura da obra de Milton Santos, na qual o autor aborda das diferentes compreensões de espaço e também de suas implicações. SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.* 4. ed. São Paulo: USP, 2004.